

**PALAVRAS DO PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES TGEN. JOAQUIM CHITO
CASTELO DE S. JORGE - 05 DE OUTUBRO DE 2021**

A IDENTIDADE E A INDEPENDÊNCIA NACIONAIS

Percorremos hoje, 5 de outubro de 2021, mais um aniversário da independência de Portugal. Como nasceu e se manteve a sua Identidade?

O tema IDENTIDADE é um desafio ao mesmo tempo aliciante e complexo. Vários são os caminhos possíveis. Ao conceito matemático, do direito, ou da IDENTIDADE das Coisas, damos hoje prioridade ao conceito de IDENTIDADE que englobe a atividade racional e do espírito. A IDENTIDADE INDIVIDUAL, a IDENTIDADE INSTITUCIONAL ou a IDENTIDADE NACIONAL.

É um facto que fatores aglutinadores podem, a partir de uma diversificada e plural identidade individual, criar Identidades Institucionais, e mesmo dar origem a uma Identidade Nacional. Esta, uma vez atingida, dará origem à Independência de um povo. No nosso caso de Portugal.

A Identidade Individual caracteriza o Homem como pessoa, como personalidade inteligente e livre.

Os atributos que nessa natureza humana se encontram, e só nela, distinguindo-a de todas as outras criações, são a consciência, a razão e a liberdade (1). Pela consciência o Homem toma conhecimento do mundo sensível. Pela razão, compreende a vida e compreende-se a si mesmo. Pela liberdade, o Homem tem o poder de se modificar e aperfeiçoar, isto é, influenciar e ser influenciado pelo meio, sentindo assim diversamente os efeitos produzidos por uma mesma causa. E se o carácter individual é aperfeiçoável, também a nossa maneira de ser coletiva e de estar no mundo, o será.

O Carácter ou Identidade Nacional será a resultante das idiossincrasias individuais, ou seja, a forma de reagir coletiva, a “psicologia do povo”, o conjunto de traços dominantes da população “homogénea” designada por portugueses.

Mas quando se trata de identificar a “personalidade base” do povo português, a dificuldade surge, mas as opiniões de certo modo convergem. “O bom português é várias pessoas” dizia Fernando Pessoa: “Não me sinto tão portuguesemente eu, como quando me sinto diferente de mim”. Uma diversidade na unidade geradora de adaptabilidade e instabilidade do português. Esta síntese vê-se confirmada por Keyserling (2) ao afirmar “a multiplicidade do português alberga ao mesmo tempo tese e síntese”.

Por outro lado Jaime Cortesão (3) afirma que quando buscamos os elementos primordiais de uma tradição portuguesa, encontramos com três virtudes básicas: a hombridade, a inquietação e a plasticidade amorável.

Nesta forma da unidade na diversidade dos portugueses importa referir que nem sempre as nações, e para Almada Negreiros (4) nunca, se apresentam como conjunto etno-psicologicamente homogéneo e daí o falar-se de Carácter Nacional e Caracteres Regionais. Se é verdade que “ a civilização portuguesa depende das civilizações ibéricas, greco-latina, ocidental-europeia, europeia e universal, não é menos verdade que ainda os caracteres regionais nos permitem distinguir o português do norte do português do sul, o açoriano, o madeirense” Interpretações pessimistas surgem também como a de Almeida Faria (5) e outros, que sintetiza as qualidades do povo português a quem classifica de “povo desempregado desde Vasco da Gama, chegando de novo ao inultrapassável cabo Não”.

Diremos nós que quando os fatores de coesão são suficientemente fortes que levam algumas identidades individuais desse povo, a jurarem perante a Bandeira Nacional que “darão a vida se necessário for em defesa da Pátria”, dá-se origem a uma Identidade Institucional conhecida por Forças Armadas, com as suas diferentes componentes e que surge a partir de uma Identidade Individual denominada: - Soldado.

Se a estes soldados for dada a oportunidade política última de terem que se bater de armas na mão, na defesa dos interesses e valores superiores do país, o Soldado assume uma outra identidade, a que o povo de que é originário ficará reconhecido para sempre: - a Identidade de Combatente. E a Identidade de Combatente é ainda mais forte do que Identidade de Soldado. Foram esses Combatentes que levaram Mouzinho de Albuquerque a afirmar que “Portugal é obra de Soldados”.

E se, como diz Eduardo Lourenço, “Portugal é a única coisa que une os portugueses” foram e são os seus soldados o seu verdadeiro cimento aglutinador e os últimos sentinelas. Foi assim em Ourique e Salado. Aljubarrota e Atoleiros. Restauração e Guerra Peninsular, Grande Guerra e Guerra do Ultramar. Foi assim quando Portugal deu “novos mundos ao mundo”. Criou e perdeu Impérios. Ganhou e modificou a sua

identidade ao longo dos séculos. De país “à beira mar plantado” a Império das Índias, a Império do Brasil, a Império Africano e finalmente no regresso às suas origens, as fronteiras de D. Diniz, mas que continuou sendo PORTUGAL. Agora com outra dimensão geográfica identitária, mas com idêntica dimensão humana, espalhada a nível global, num verdadeiro Império da Alma.

Império da Alma Portuguesa que vive e respira no Canadá, na América do Norte e América do Sul, na Europa, em África, na Ásia e na Oceânia, constituindo uma rede de portugalidade e amor a Portugal sem limites.

Ao longo dos séculos muitos deles foram Combatentes, construtores do Portugal de então. A maior parte regressava. Como regressou a maior parte dos que no século XX se bateram na África e na Flandres, bem como os que se bateram nos meados do mesmo século, em Angola, Moçambique e Guiné. Em qualquer das circunstâncias, sem o reconhecimento merecido da retaguarda política pelo esforço, determinação e coragem despendidos. E é a especificidade identitária do Homem Combatente que acaba por reunir condições e saber, ao sentir a necessidade de criação de uma nova Identidade Institucional, capaz de promover os valores superiores do país por que se bateu e de garantir a prática da solidariedade e o apoio mútuo para com os stressados, gaseados, mutilados, doentes físicos, mentais e sociais regressados da Guerra.

Nasce assim a Liga dos Combatentes da Grande Guerra, hoje Liga dos Combatentes, a que tenho a Honra de presidir. Esta Identidade que há um século vem lutando pelo reconhecimento dos poderes públicos, arrancando do anonimato e abandono os que por sua determinação serviram o país, em situação de conflito aberto.

E se hoje se pressente o reconhecimento público e do Portugal profundo por esses homens, falta ainda muito esforço para que a prática da solidariedade para com aqueles a quem a vida não sorriu e necessitam de apoio à saúde e apoio social, sem esquecer os que sofrem de stress pós-traumático de guerra e os sem-abrigo, seja uma realidade efetiva. Importa garantir-lhes qualidade de vida que lhes permita viver com orgulho a Identidade de Combatente.

Eles são parte dessa Identidade Nacional resultante das características muito próprias da Identidade Individual dos portugueses e portuguesas e daquilo que têm sido capazes de construir ao longo de séculos. Hoje, o conceito de herói, como outros, caiu na rua, chegando deturpado a diferentes patamares da vida. Os que tiveram que fazer e sofrer a guerra sabem o que é defender a Identidade Nacional e onde se encontra o verdadeiro heroísmo.

E acreditamos que a Pátria tem idêntico conceito identitário. Pátria que segundo Miguel Torga é “um pedaço de terra defendido”, vê ainda alargados os seus horizontes a esse verdadeiro Império da Alma que do Portugal geográfico de hoje se alarga às comunidades portuguesas que dos cinco continentes nos contemplam infundindo confiança e perenidade.

Hoje, a nossa Identidade deverá passar por esse verdadeiro Império da Alma. Contrariamos assim o que Miguel Torga, no seu Diário, afirma, dizendo que “cada português se pudesse, seria um habitante exclusivo de Portugal” e “onde o nosso velho complexo de inferioridade não para de roer-nos. E temos de ser grandes em tudo porque nos sentimos pequenos em tudo”.

Numa época em que regressámos à Europa, depois de termos sido os primeiros a levá-la ao mundo e os últimos a regressar a ela, evoluímos na nossa Identidade, caldeados por centenas de anos de influência branca, amarela e negra e somos hoje um povo complexo, diversificado e por isso rico e único que deverá aproveitar as suas características positivas, precavendo as suas vulnerabilidades.

Povo com extraordinário património espiritual, generosidade e espírito de sacrifício, saúde moral, capacidade de adaptação e de improvisação, vivacidade de espírito e instabilidade emocional. Avesso à disciplina e organização, marcadamente individualista.

Avesso a ações persistentes, mas capaz de grandes rasgos, o povo português apresenta hoje razoável grau de instrução, elevado grau de rusticidade e resignação, mas aberto à aventura, vê hoje a sua juventude aberta ao conhecimento.

São estes valores, positivos e negativos, que acompanham os cidadãos portugueses por todo o mundo, que moldam o Sistema Cultural Português e caracterizam a Identidade Nacional. Deverão eles ser parte informadora do Sistema Educativo e deverão eles ser postos ao serviço do Interesse Nacional. Seja qual for o lugar em que os portugueses os revelem.

Um dos objetivos estratégicos a atingir a nível nacional será, pois, colocar o diversificado potencial humano em valores e meios materiais espalhados pelo mundo, ao serviço do Interesse Nacional.

Se hoje Portugal é um país geograficamente pequeno que volta a estar “à beira mar plantado” ele tem, porém, uma dimensão humana, estrategicamente colocada, de horizonte global.

O Império das Alma existe. É real e deve ser sistematicamente apoiado, politicamente organizado e considerado como um importante Fator do Potencial Estratégico Nacional e parte integrante da Identidade Nacional.

Só uma Identidade Nacional forte garantirá uma Portugalidade forte, como sustentáculo da Independência possível e conseqüente confiança no desenvolvimento do Portugal do Futuro.

Termino, porém, como poderia ter começado.

Então teria escrito outro tipo de intervenção e questionado: - Será que existe hoje uma crise da Identidade Nacional? Uma perda de Soberania? De Democracia? De posicionamento das Forças Armadas no seio do Estado e da forma como é prestado o serviço militar? Dos valores superiores predominantes? Existe uma crise de Identidade da União Europeia? As crises internacionais deram origem a conflitos armados e ameaçam a segurança internacional? A paz deixou de ser um intervalo entre guerras e passámos a ter em permanência Paz e Guerra? As respostas se afirmativas, merecem, uma profunda reflexão nacional.

Porque, trata-se, afinal, de garantir a INDEPENDÊNCIA NACIONAL e a nossa suficiente SOBERANIA como povo, com marcada IDENTIDADE NACIONAL, independente e livre.

(1) Abel de Castro, Filosofia, Pág. 13

(2) Analyse Spectrale de L'Europe, Paris 1965, pág. 230

(3) Humanismo Universalista dos Portugueses, Porto Ed.

(4) De Ensaaios, Ed. Estampa

(5) Em Lusitânia Pág. 164

Lisboa, Castelo de S. Jorge, 5 de outubro de 2021

TGeneral Joaquim Chito Rodrigues